

## Vivências Políticas

*Parsifal Barroso*

Sempre sustentei a tese de que o povo cearense é avesso à tradição e não cultua o passado, malgrado o esforço de uma heróica minoria que mantém sua posição de contra-ataque, sempre em vão.

Relembro a incompreensão de que fui alvo, quando governei o Estado do Ceará e, graças aos justificados e diligentes cuidados do meu ilustre assessor, Mozart Soriano Aderaldo, consegui encomendar ao saudoso escultor Leão Veloso as estátuas de Farias Brito, Alberto Nepomuceno, Clóvis Beviláqua, Capistrano de Abreu e Gustavo Barroso, bem como a herma de Delmiro Gouveia.

Por força dessa circunstância, que reputo uma contingência de ordem histórica, somente me foi possível inaugurar as estátuas de Farias Brito, Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua e Gustavo Barroso, deixando pronta para ser inaugurada no centenário do seu nascimento, em 1963, a herma do extraordinário ipuense, que foi Delmiro Gouveia.

A estátua de Alberto Nepomuceno, posta sob o signo da deambulação, viveu longo tempo no porão do Instituto do Ceará e, depois de inaugurada na avenida que tem o nome do maior músico do Ceará, dali foi retirada e não sei informar aos meus constantes, onde o governo a reinaugurou.

Ao inaugurar a estátua do imortal filósofo Farias Brito, meu ajudante-de-ordens ouviu, por entre o vozerio do povo, dois comentários que bem exemplificam a justeza de minha tese.

Alguns de mim se condoeram por que, ainda beirando meus cinqüenta anos, já estava caducando, com essa mania de erguer estátuas, a quem não as merecia.

Outros, em maior número, perguntavam-se entre si de onde havia eu tirado “esse Farias Brito”, considerado então “uma besta”.

Se volto a essas considerações é porque, ao dar conta

da pesada tarefa de escrever a *História Política do Ceará*, de 1889 a 1954, verifiquei que os poucos Presidentes e Governadores, com seus nomes gravados em ruas da Fortaleza, não foram mencionados como Chefes do Executivo, mas pelas suas patentes militares ou suas funções, feita a observação em relação à fase republicana.

Os primeiros governadores republicanos do Ceará, o coronel Luiz Antônio Ferraz e o general José Clarindo de Queiroz, são conhecidos e estão mencionados em função de suas patentes militares, e não como Chefes do Executivo cearense.

O mesmo aconteceu com nosso primeiro Presidente republicano, o coronel José Freire Bizerril Fontenele, cuja rua, que lhe tem o nome, não menciona essa particularidade histórica, e por isso todos a conhecem pelo nome de Coronel ou General Bizerril, levando em conta sua promoção ao generalato.

Idêntica situação ocorre com os governantes civis, bastando-me citar o exemplo da grande Avenida Desembargador Moreira, quando sua exata denominação deveria ser avenida Presidente Moreira da Rocha, pois esse enigmático político foi nosso penúltimo Presidente do Estado.

Assim como já enfrentei o problema das estátuas, ao governar o Ceará, mesmo estando na planície, como me encontro desde julho de 1977, ousou justificar nesta "Vivência" a necessidade de se unir o passado ao presente, apelando ao dedicado prefeito Lúcio Alcântara no sentido de dirigir mensagem à Câmara Municipal de Fortaleza, justificando-lhe o imperativo dessa correção que já tarde, embora sinta dentro desse fato o desamor do povo cearense pelos que o governaram, unidos no mesmo sentimento de amor pela desafiante terra do Ceará.

Basta que o ilustrado prefeito peça a ajuda dos historiadores mais amantes da Fortaleza, como os eminentes mestres Raimundo Girão e Mozart Soriano Aderaldo, para essa espécie de pequena errata da nomenclatura dos nomes das nossas ruas e avenidas, e ambos porfiarão em prepará-la, com a devida justificação.

Certo estou de que a Câmara Municipal acolherá compreensivamente essa futura mensagem do nosso Prefeito Lúcio Alcântara, transformando-a em lei, como será de inteira justiça.

Está lançado o apelo, com minha total confiança no Prefeito e nos Vereadores da amada Fortaleza.

(Transcrito de *O Povo*, de 08-06-81)